

L. 1687 - 11 v. 200

AS SAUDADES
DE LISBOA

NO CORAÇÃO BRAZILEIRO,
OU
SUSPIROS MAGOADOS
DO TRISTE PASTOR

LIDORO

NA DESPEDIDA QUE FAZ
DE LYZIA FAMOSA.

POR

JOAQUIM JOSE DE S.^{ta} ANNA
ESBARRA.

OFFERECIDAS, E DEDICADAS
AO SENHOR DOUTOR CORREGEDOR

DOMINGOS MONTEIRO
DE ALBUQUERQUE E A MARAL.
PELO MESMO AUTHOR.



LISBOA:

Na Offic. de JOSE de AQUINO BULHOENS.
ANNO de 1791.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censu-
dos Livros.

AS 21/10/18
DE 1880

SECRETARIO GENERAL

LIBRO

DE LOS RECURSOS
DE LA ADMINISTRACION

DE DON JOSE DE SAINTE

ESTABA

DOMINGOS MONTAÑO

DE ALBUQUERQUE

DE LA CIUDAD DE

1880

DE LOS RECURSOS DE LA ADMINISTRACION

DE LA CIUDAD DE ALBUQUERQUE

S E N H O R.

A O Valerozo General, quando he ocazião de guerra, entregaõ o Cõmando, para que posto em Campo; atemorize aos inimigos, pois basta soar o seu nome para os affugentar. O mesmo Senhor executo, pois hindo o nome de *V. m.* na frente desta obra o contrario Exercito de Zoillos, e Censores se acobardaõ, e deichaõ sem valimento cabir as penas da mão; e fora em mim querer negar aquella antiga verdade de dar o de Deos a Deos, e de Cezar a Cezar: *V. m.* conbece as vivas cores da saudade: *V. m.* sabe que effeitos costuma deixar nos coraçõens, e porisso desculpará o meu excesso.

Nada mais posso dizer, pois *V. m.* tudo alcança; e sabe que tiranno tormento he a saudosa auzencia. Sõ pode premiar o bom Soldado a quelle que na guerra vio zunir a balla, pois conbece o perigo.

Dezejo a *V. m.* as felicidades que á medida do seu gosto appetece, para dellas inda que ausente ser contentado o meu coraçãõ; ao labio se não lizongéa, e porisso puramente me confesso ser de *V. m.* seu menor Venerador, e obrigado

Joaquim José de Santa Anna Esbarra.

Que tiranno tormento he a partida,
No coraçãõ que preza, o que he ternura
He lance que o conduz á Sepultura.

I.

P Or entre pardas sombras que enlutavaõ ,
 O tecto dessa Esféra diamantina ,
 Os Cavallos d' Aurora se apressavaõ ,
 Buscando pressurozos a Campina :
 Já da Lua os reflexos se ocultavaõ
 Da humida morada cristalina ,
 E o'estendido véo caliginoso
 Morfêo hia enrolando cuidadoso.

II.

O mizero infeliz , pobre Barqueiro ,
 No seu pardo gabaõ todo enrolado
 Recolhe a pôita dentro no Saveiro ,
 E faz fique de todo posto a nado :
 A branca vela solta mui ligeiro
 De redes , e anzoos acautelado
 Os mares vai sulcando de Amphitrite
 A pescar quanto a sorte lhe premite.

III.

As grafadoras Aves agoureiras ,
 Nas Lapas cavernozas se escondiaõ ,
 Nem pellas escarpadas ribanceiras
 Os enfadinhos mochos já se ouviaõ :
 Appenas pellas tortas Oliveiras
 Os funebres morcegos repetiaõ
 De quando em quando seu funesto canto
 Vestigios certos de amargozo pranto.

IV.

Os ledos vigilantes passarinhos ,
 Bem como saudosos dos luzeiros
 Deixavaõ entre os troncos os filhinhos ;
 E faltavaõ nos ramos mui ligeiros ;
 Outros inda a carpir dentro nos ninhos ,
 Respondiaõ ao canto dos primeiros
 Fazendo com as suas doces vozes
 Os Cavallos d' Aurora mais velozes.

V.

The que as grandes bellezas matutinas ,
 Que a luz madrugadora vem guiando ,
 Dourassem altos Montes , e Campinas ,
 E fosssem todo o Tejo circulando :
 The que as mesmas fucenas , e boninas
 Fosssem novos alentos recobrando ;
 E como Precusora da alegria
 Aurora abrisse a porta ao claro dia.

VI.

Andavaõ os ferranos ; e Pastores
 No caminho da fonte vigilantes ,
 Aquelles saudavaõ seus amores ,
 Estes hiaõ dar próvas de constantes :
 Hum formava mil queixas dos rigores ,
 Outro a falta de excessos relevantes ,
 E nestas importunas differenças
 Ora trataõ de amor , oia de offenças.

Da

VII.

Da porta da Cabana vem sahindo
 O pequeno innocente Pegureiro,
 E na fórma em que os passos vai seguindo,
 A par d'elle caminha o seu rafeiro :
 As pequenas palhoças vão abrindo
 O goardador, e rustico Vaqueiro,
 As choças, as Cabanas, e Cazais
 Os Serranos, Pastores, e Zagais.

VIII.

O gado já sevia pelo Monte,
 Outro andava a pastar pela manada:
 A Pastora descendo para a fonte,
 De infinitos Pastores he louvada :
 Outra tras adornada a nivia fronte
 Da Capella cheirosa, e matizada,
 De flores mais fragantes, e mais bellas
 Encarnadas, a zuis, e amarellas,

IX.

Todós quantos lutavaõ diligentes
 Com a sua tirana desventura;
 Que inda aquelles que julgaõ ser contentes,
 Tem seus varios instantes de amargura :
 Todos viaõ o como differentes,
 Se mudaõ os projectos, que segura
 Naõ ha couza no Mundo ; porque a roda
 A nada do dezejo se acomoda.

(7)

X.

A todos tinha o Sol apparecido,
De mil brilhantes luzes torneado
Para todos Aurora a manhecido
Em dia de prazeres circulado :
Com todos tinha a forte despendido,
A izenção do mais minimo cuidado,
E só contra Lidoro desditozo,
Jurou ser-lhe verdugo tormentozo.

XI.

Lidoro que vivia no receio
Da mais tranquila gloria, e alegria,
Não soube prevenir o forte meio
Da sua desventura, e agonia,
Não pode conhecer o vivo enleio
Com que a forte traçou-lha a tirania,
Roubando-lhe o prazer que disfrutava,
No tempo em que elle menos o esperava.

XII.

Sendo Pastor querido em sua Aldêa,
Deixou a habitação da Patria amada,
E na vida da Corte se recrêa,
Por ter sua Alma a Lyfia consagrada:
Nas mesmas confições que patentêa,
He esta a sua gloria sublimada,
E por Lyfia quer dar a propria vida,
Nas mãos de huma tirana despedida.

Eu

XIII.

Eu fui a pobre Choffa onde elle habita ,
 Pasmei de ver o como delirante
 Na força da paixão, que não limita,
 Os suspiros exala a cada instante ;
 E achando a sua Alma taõ aflita,
 Procurei dar-lhe alivio affaz bastante ,
 Em vaõ cheguei a ter todo o intento,
 Pois nada ha que minore o feu tormento.

XIV.

E para que constante ao Mundo seja
 A cauza das faudades de Lidoro ,
 Eu direi quanto ouvi , pois quero veja
 Quem sabe o que he penar , pois o ignoro ;
 Se bem , que no meu peito inda forceja
 Hum mal , a cuja magoa aflito choro ;
 Ouçaõ pois as faudades dezabridas,
 Que tem Lidoro , só de amor nascidas.

XV.

Entre os ais ; e soluços imagoados,
 Balbuciente voz que mal se ouvia ,
 Na tormenta dos Orridos cuidados
 Ao infeliz Lidoro , eu vi hum dia:
 Os olhos bein dois rios comparados ,
 Assim o terno pranto lhê corria ,
 De forte que já tinha pello rosto
 Impressas as imagens do desgosto.

Mil vezes apertando as mãos aflito ,
Pedia ao Ceo que lhe prestasse amparo ,
Pois na forma que o damno premedito ,
Differe qual a noite ao dia claro :
Era o seu padecer taõ infinito ,
Que por algumas vezes fiz reparo
Quando elle dizia , eu morro , eu morro ;
Só para este meu mal não ha soccorro.

XVII.

Assim esteve hum pouco surprehido ,
Como quem entre si premeditava ,
Pedio agoa , e depois de a ter bebido
De hum gelado suor coberto estava :
Soltou em alta voz hum tal gemido ;
Nascido da paixãõ , que o magoava ,
E com vozes que a todos compungia ,
Estas tiranas queixas repetia.

XVIII.

He crível justos Céos ; que hei-de apartar-me
De Lyfia , Lyfia bella ; oh que tormento ,
Eu não sei se cruel devo matar-me ,
E ser da minha morte o instrumento :
Para não o fazer he desviar-me
Do quanto pede o justo sentimento ,
Que lance desabrido : oh Céos valei-me :
Ou matai-me , ou se não Céos soccorrei-me.

XIX.

Dize Ingrata fortuna , que proveito
Alcanças de affligir hum descontente ,
Se para triumphares deste peito ,
Precizava o meu mal ser permanente : Eu

Eu morro ás mãos do mais tirano effeito
 Não te fica Victória no presente ;
 Salvo se he publicares por vaidade ,
 Morreo Lidoro de cruel faudade.

XX.

Não quero meu tormento se eternize
 Sem que eu diga a razão porque padeço ,
 Não digo porque a magoa suavize
 Pois morier na partida eu bem conheço ,
 Quero que em Lysia bella se divize ,
 Que tanto dos seus dotes fiz appreço ,
 Que me custou a sua despedida ,
 O deixar por memoria a propria vida.

XXI.

Sõe embora com pasmo dos futuros ,
 Que por Lysia morreo Lidoro amante ,
 Que foraõ seus protestos taõ seguros ,
 Que não soube faltar á fé constante :
 Sacrificios liaes , e votos puros
 Em seu peito guardou perseverante ;
 Que foi na realidade verdadeiro ,
 E será thé o termo derradeiro.

XXII.

Em quanto estas faudades rigorozas
 Me vaõ alimentando da esperança ;
 Em quanto as minhas lagrimas forçozas
 Fazem esta tormenta ter bonança :
 Em quanto pellas praias arenozas
 O passo não firmar com segurança ,
 Terci por companhia aos meus pezares ,
 Saudades , Ventos , Vellas , Céos. , e mares.
 Que

Que dias passarei , que infaustos dias ,
 Cercados de saudades violentas ,
 Misturando por entre as agonias
 O pacas sombras , noites macilentas :
 Escutarei tristonhas gritarias ,
 A'lém de tempestades , e tromentas ,
 Sem Lysia em tudo me he contraria a sorte ,
 E mais soffrivel me seria a Morte.

XXIV.

Será menos sensível que eu padeça
 De huma só vez o golpe defabrido ,
 Pois bem mostra a razão quando faleça
 Ficar o meu tormento concluido :
 Ao menos que Lysia reconheça ,
 Que morro por lhe ser agradecido ;
 Que morrendo Lidoro nesta empreza ,
 A Morte he de triumpho , e não baixeza.

XXV.

Eu sinto , mas não fei em fim que sinto ,
 Creio ser da partida a hora breve ,
 Que tirano , que feio labirinto ,
 Que pezar no meu rosto se descreve :
 Agora de hum só golpe fique extinto ,
 Pague a Morte o tributo porque deve
 Lidoro dar o ultimo suspiro ,
 No forçozo decreto de hum retiro.

XXVI.

Alento Coração , alento he justo ,
 Despedir , he forçozo , e sem remedio ,
 Desterrar , desterrar , não haja susto ,

Que chega a hora do mortal affedio,
 Em quanto a voz premitte a todo custo.
 Mostrarei que ao meu mal não tenho tédio,
 Que na certeza de perder a vida,
 Alivio deve ser a despedida.

XXVII.

A Deos primciramente alta Nobreza,
 Distinctas geraçoens, e Fidalguia,
 A Deos prezados troncos da grandeza
 Da mais resplandecente Jerarquia:
 Magistrados sublimes de inteireza;
 Columnas, que adornais a Mornarquia,
 A Deos tudo, que he gente ativa, e boa,
 Que fazem ser pompoza a alta Lisboa.

XXVIII.

A Deos Aulas, a Deos, a Deos Estudos,
 Onde Heroes conheci intelligentes,
 Taõ sabios, taõ discretos, taõ agúdos,
 Que sempre triumpharaõ florecentes:
 Nos pontos mais sutis, não foraõ mudos,
 Antes deraõ respostas diligentes,
 Deixando nos seus raros argumentos
 Para os tempos futuros documentos.

XXIX.

A Deos Praças, a Deos, a Deos Milicia
 A Deos Conquistadores esforçados,
 Que abateis o Orgulho, e a Malicia
 De inimigos crueis, e rebellados;
 A ventura vos seja taõ propicia,
 Que vos faça no Mundo respeitados.
 Tanto que o Luzitano Diadema
 Em qualquer parte se venere, e tema. A

A Deos sabios, Legistas respeitaveis ,
 Que a pár do Luzo Trono floreceis
 Fazendo , que nos sejaõ agradaveis
 As justas instrucçoens das Regias Leys :
 Seraõ em nossos peitos memoraveis
 Os grandes documentos que escreveis ,
 Eu delles vou ; naõ cuides que invejozo
 A dizer-vos verdade vou faudozo.

XXXI.

A Deos Corpo brilhante da Marinha,
 Que sulcais esla humida morada ,
 Pela qual veloz Náo hoje caminha ,
 Fazendo minha pena mais dobrada :
 Que dita naõ será , que gloria minha ,
 Quando vos a vistar na Patria amada ,
 Que faudando-vos logo , assáz contente ,
 De grato passarei a reverente.

XXXII.

A Deos Claustro onde vivem os talentos ,
 A virtude , a razaõ , a Inteireza ,
 Onde os mais delicados pensamentos
 Saõ despídos de tudo o que he leveza :
 Onde os homens tem mais merecimentos ,
 Pois respira entre elles singelleza ,
 Sem que o cargo por mais altivo mude
 Dos seus constantes peitos a virtude.

XXXIII

A Deos supremos filhos do Deos louro ,
 Que tendes no alto Pindo mór assento ,
 Que os premios alcancais de seu thezouro ,
 Cada hum pello seu merccimento : Be-

Bebei por essas ricas taças de ouro
 Da fonte Cabalina, hum novo invento,
 Pello qual chegue a ter a vossa Muza,
 Qual outro salamaõ sciencia infuza.

XXXIV.

A Deos a Deos Lisboa, finalmente
 lembrai-vos, que me auzento magoado,
 Não de vós, nem da vossa linda gente;
 Mas da dor, que a saudade me há cauzado:
 Bem se vê, no meu rosto está patente
 Quanto vive meu peito consternado,
 Que soffro a dezabrida vehemencia
 Do tirano martirio de huma auzencia.

XXXV.

Pode a minha saudade apoderar-se
 De meu peito com força desmedida,
 Que nem premita amagoa aliviar-se,
 Pello ultimo a Deos da despedida:
 Pode a lingua tambem titubiar-se,
 Quando sentir a pena mais crescida;
 Póde faltar-me em fim todo o alento,
 Na hora do fatal apartamento.

XXXVI.

Eu devo prevenir este suceço,
 Em quanto a desventura me permite,
 E porisso de todos me despeço,
 Antes que chegue o mal que he sem limite
 Effeitos desta dor, eu já conheço,
 He tarde já não póde ser se evite
 Partir Lidoro he justo, e he forçoço,
 Que ou morra, ou sinta o golpe de saudoço.

XXXVII.

A Deos amada Corte , a Deos queridos
 Habitantes , que estão no centro della ,
 Sumptuosos Palacios Erigidos ,
 Que fazem prespectiva assáz taõ bella :
 Desde agora ficai-vos despedidos ,
 E tudo sem rezerva que está nella ,
 Que sinto com extranha brevidade ,
 Apurar-se o verdugo da faudade.

XXXVIII.

Já sinto o Coração desfalecendo ,
 As brancas Vellas soltas já divizo ,
 Eu parto a embarcar , eu vou correndo ,
 A seguir a jornada que he preciso :
 Que tremulo fiquei , já conhecendo ,
 Que ficou meu prazer todo indecizo ,
 Que mal posso dizer Lisboa , a Deos.
 A Deos bellos , e amados Europêos.

XXXIX.

Sabei que de meu grande sentimento
 Algum dia haverá cabal noticia ,
 Que as redeas entregando ao sofrimento ,
 Morrerei por perder tanta delicia :
 Que além da Morte o meu apartamento
 Deixará na lembrança mais propicia
 Gravado por perpetua eternidade ,
 O dânnio que motiva huma faudade.

XXXXI.

He tempo já naõ posso ter demora ,
 Em paz fiquem de Europa os habitantes ,
 Já vai o Curvo Lenho , agora , agora ,
 A Deos Luzos , a Deos , Luzos amantes : Lem-

Lembrai-vos, que faudozo, e triste chora
Lidoro, que de magoas penetrantes
O peito, e Coração leva cercado,
Pois vai dos seus amigos separado.

XXXXI.

Com esta taõ tirana despedida
Entregue ás mãos dos varios Elementos,
Foi Lidoro soffrendo na partida
O tirano furor de mil tormentos,
Em quanto com a Longa frente erguida
Póde avistar Lisboa, e seus assentos,
Entre soluços, ais, ternos gemidos,
Gritava a Deos, a Deos luzos queridos.

S O N E T O.

Que ingrato Coração, que infame peito
Haverá que não sinta na partida
O golpe mais cruel da despedida,
E da perpetua auzencia o duro effeito.

Quem póde haver, que parta fatisfeito,
Sem de pena perder apropriã vida,
Só se nascer de fera embravecida,
Que de humano não póde ter conceito.

Ah como he dolorozo este tormento,
Pois quanto mais suspirò, peno, e choro,
Entaõ he que meu mal, tem mais augmento.

Ah, que o mal he tirano; eu não milhoro
Escutaraõ dizer, no apartamento,
De saudades morreo, morreo Lidoro.

F I M.

